

LUCAS PIRES NA RTP

# CULTURA E POLÍTICA PRP E HONRA

O dr. Lucas Pires, ministro da Cultura e um dos vice-presidentes do CDS, declarou, ontem, na RTP, no programa Clube de Imprensa, que, se mantivesse o seu lugar de deputado teria votado favoravelmente o projecto da amnistia para os militantes do PRP-detidos. Sem pensar duas vezes, porque costuma honrar os seus compromissos, tinha subscrito o projecto.

Lucas Pires era entrevistado na sua qualidade de ministro da Cultura, mas, na primeira parte do programa, as questões foram eminentemente políticas... o que quer dizer que, na parte restante, não se falou também de outra coisa. E poderia ser de outra maneira? Não é a política uma dimensão da cultura? O ministro procurou, evidentemente, fazer a desrinca, lembrando, depois de uma sucessão de perguntas versando o estado da maioria, a conveniência de os entrevis-

tadores e os convidados-surpresa (António Reis, Eduardo Prado Coelho, Natália Correia e Vitorino de Almeida) lhe colocarem questões específicas do seu pelouro. Fizeram-lhe, de certo modo, a vontade — António Reis e Prado Coelho foram os mais renitentes — mas, durante todo o tempo, enquanto se falava de consenso em torno de objectivos culturais, de projecto cultural, de acesso à cultura, de meio de difusão, de apoio a iniciativas culturais, não se falou naturalmente de outra coisa que não fosse um projecto de sociedade, no caso do dr. Lucas Pires, o liberal, de algum modo prejudicado, a prazo, pelo da AD, como disse. Ignora-se se parte apreciável da audiência teve a noção de que a falta de primeira mão na orquestra da RDP não conduz apenas ao empobrecimento sonoro, mas também ao dos músicos que não tocam em

orquestra nenhuma, o que pressupõe uma questão política pura que tem a ver, por exemplo, com o desemprego. Ou se o debate à volta do consenso nas grandes questões culturais suscitou no público esta salutar interrogação: paira a cultura sobre a vida das sociedades ou faz parte delas? Existirá algum terreno puramente cultural onde, tirando o consenso elementar que existe sobre realidades incontrovertidas como sejam a de a água ferver a 100 graus ou o Sol nascer a Oriente, se possam obter consensos em matérias que dependem, para a sua perspetivação de opções ideológicas? As sugestões havidas, por parte dos convidados-surpresa, com vista a animar este debate, não atingiram a clareza indispensável — perderam-se mesmo, às vezes, em autênticos códigos para iniciados, como quando Natália Correia se referiu à «semântica da

palavra»... querendo afinal dizer alguma coisa sobre a «culturalização da política», ou seja, de como, para cumprir a sua palavra, votou a favor da amnistia aos detidos do PRP e se esteve na tinteira para a direcção do partido.

A adopção deste corte artificial entre cultura e política teve ainda outro inconveniente: os entrevistadores não exploraram a preceito a vontade que o dr. Lucas Pires manifestou de divulgar alguns pormenores sobre a vida da AD. Dir-se-ia mesmo que o frustraram nessa disponibilidade — que existia, não obstante a prevenção de que estava ali para falar de cultura — e os espectadores ficaram privados de preciosas informações indispensáveis à sua cultura política — isto é, à sua cultura e à sua política.

J. P. O.

